

Pensando em poesia: uma análise das visões de poesia da antologia *Poesia faz pensar*

Tháís Fernanda Viana Batista*

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as concepções de poesia existentes na obra *Poesia faz pensar* (2011), organizada pelo crítico literário, poeta e autor de obras de ficção juvenil, Carlos Felipe Moisés, buscando investigar como essas concepções são defendidas na antologia e se elas funcionam como um incentivo à leitura dos poemas escolhidos. Para tal, buscou-se analisar a composição da antologia, tendo em vista, principalmente, os nomes selecionados para compor a obra em análise. Ademais, analisou-se também a estruturação da obra, que está dividida em seções temáticas e que contém comentários de Carlos Felipe Moisés anteriores e posteriores ao conjunto de poemas que compõem cada seção. Selecionaram-se alguns dos comentários do organizador para a realização de uma análise mais detida a respeito das noções de poesia que se deixam perceber na leitura de tais observações. As análises foram feitas com base nas concepções teóricas de Antonio Candido (2011), Émile Benveniste (1989), Marisa Lajolo (2001), Ivete Lara Camargos Walty (2008), Hélder Pinheiro (2007), entre outros autores. Na leitura realizada, concluiu-se que a antologia compõe uma importante ferramenta para o trabalho com a leitura de poemas em sala de aula, pois traz uma concepção de poesia como fruto da elaboração estética e da reflexão do poeta sobre as maneiras de escrita dos poemas, noções importantes para que os alunos entrem em contato com os modos de elaboração e não apenas com os conteúdos dos poemas, o que, costumeiramente, acontece no ambiente escolar.

Palavras-chave: antologia poética; poesia; leitura; educação.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC – Minas). Mestranda em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas (Bolsista CAPES). Graduada em Letras-Português pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É professora de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação de Lagoa Santa, trabalhando com alunos do Ensino Fundamental II. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9513-5474>.

Thinking about poetry: an analysis of the visions of poetry in the anthology *Poesia faz pensar*

Abstract

This article aims to analyze the existing conceptions of poetry in the work *Poesia faz pensar* (2011), organized by the literary critic, poet and author of juvenile fiction works, Carlos Felipe Moisés, seeking to investigate how these conceptions are defended in the anthology and if they work as an incentive to read the chosen poems. To this end, we sought to analyze the composition of the anthology, taking into consideration, mainly, the names selected to compose the work under analysis. Furthermore, the structure of the work was also analyzed, which is divided into thematic sections and contains comments by Carlos Felipe Moisés before and after the set of poems that make up each section. Some of the organizer's comments were selected for a more detailed analysis of the notions of poetry that can be perceived in the reading of such observations. The analyzes were based on the theoretical conceptions of Antonio Candido (2011), Émile Benveniste (1989), Marisa Lajolo (2001), Ivete Lara Camargos Walty (2008), Hélder Pinheiro (2007), among other authors. In the reading carried out, it was concluded that the anthology is an important tool for working with the reading of poems in the classroom, because it brings a conception of poetry as a result of aesthetic elaboration and the poet's reflection on the ways of writing poems, important notions for students to get in touch with the ways of elaboration and not just with the contents of the poems, situation that which often happens in the school environment.

Keywords: poetic anthology; poetry; reading; education.

Introdução

Ao se considerar o trabalho de criação de uma antologia poética, é interessante perceber como a seleção de textos poéticos pode ser um grande desafio para aqueles que se propõem a tal. Isso devido, em primeiro plano, à grande infinidade de textos literários disponíveis regional e mundialmente; assim como também devido à dificuldade de se estabelecer determinados critérios para a escolha das produções que irão compor a antologia que se pretende elaborar. Como afirma Antonio Candido, em texto no qual discute o direito de todos à literatura, “os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática”. (CANDIDO, 2011, p. 177). Considerando a fala de Candido, pode-se depreender que a seleção de determinados textos poéticos para compor uma antologia, a partir dos inúmeros critérios que podem ser elencados, significa também escolher determinados valores preconizados socialmente que estão presentes nas produções literárias escolhidas. Dessa maneira, a elaboração de uma antologia é um processo que envolve também a opção por certas visões acerca dos temas tratados nos poemas, o que reafirma a complexidade do trabalho de seleção.

No que diz respeito às antologias que fazem parte de acervos escolares, o problema parece ainda mais complexo. Isso porque a fundamental presença da literatura na escola evoca também responsabilidade em relação ao que é disponibilizado para a leitura dos alunos. Ivete Lara Camargos Walty, em texto no qual analisa a antologia *Coração infantil*, buscando investigar as “[...] concepções de língua e literatura em sua relação com configurações de pátria no contexto da educação brasileira” (WALTY, 2008, p. 185), aponta que a antologia estudada funcionaria como um estilete, calcando e marcando o coração do estudante com “[...] os valores propostos pela educação naquele momento histórico”. (WALTY, 2008, p. 187). Desse modo, na leitura da antologia analisada por Walty, “o texto impresso no papel vai se superpor ao texto dado como virgem da mente da criança, dando-lhe forma conveniente a um modelo educacional e, conseqüentemente, também, político”. (WALTY, 2008, p. 187). Certamente a divulgação de um modelo educacional e político a partir de textos literários não se restringe apenas à antologia *Coração infantil*, o que faz com que as discussões da autora Ivete

Walty possam ser expandidas para a análise de qualquer antologia, tendo em vista as diferentes formas de pensar que podem ser depreendidas de seleções literárias.

Em relação à leitura de poemas nas escolas, há que se referir ainda ao grande afastamento geralmente existente entre os estudantes e os textos poéticos, como afirma Hélder Pinheiro: “De todos os gêneros literários, provavelmente, é a poesia o gênero menos prestigiado no fazer pedagógico da sala de aula” (PINHEIRO, 2007, p. 17). Esse afastamento, muitas vezes, deve-se à ideia amplamente divulgada de que a poesia é um gênero difícil, o que é, por vezes, reforçado por escolhas literárias equivocadas para o momento de formação do aluno e por modos de leitura do texto em sala que apenas corroboram a noção da dificuldade da poesia. Dessa forma, como afirma Pinheiro, “é evidente que vale a pena trabalhar a poesia em sala de aula. Mas não qualquer poesia, nem de qualquer modo. Carecemos de critérios estéticos na escolha das obras ou na confecção de antologias”. (PINHEIRO, 2007, p. 20). Assim, os critérios inadequados de seleção de poesias para o trabalho em sala de aula podem, por vezes, apenas fortalecer as noções de que a poesia e os poetas são inalcançáveis, visão que ainda parece perdurar nas escolas.

Tendo em vista, dessa forma, a responsabilidade que perpassa a elaboração de antologias, assim como a escolha de tais obras para a composição dos acervos literários escolares, propõe-se, neste artigo, uma análise da antologia *Poesia faz pensar* (2011), organizada por Carlos Felipe Moisés, que pertence ao acervo do Programa Nacional Biblioteca na Escola - Ensino Médio (BRASIL, 2023), buscando investigar quais imagens e percepções de poesia são divulgadas a partir da leitura do livro. Isso porque, como já depreendido pelo título da obra, há nele a defesa de um ponto de vista, de uma visão de mundo sobre o que faz a poesia: provoca o pensamento. Com o fito de investigar como esse ponto de vista é defendido na obra e de que modo há ou não um incentivo à leitura de poesia na antologia selecionada, realizar-se-á uma análise das estratégias de elaboração da antologia e das visões nela apresentadas, propondo, também, a sua adequação (ou não) para o trabalho em sala de aula.

Noções: o que é e o que faz a poesia?

A antologia *Poesia faz pensar*, publicada em 2011, pela Editora Ática, foi organizada por Carlos Felipe Moisés, “[...] crítico literário, tradutor, poeta e autor de várias obras de ficção juvenil” (MOISÉS, 2011, p. 12). A produção faz parte da conhecida coleção “Para Gostar de Ler”, criada nos anos 70 e destinada a alunos do Ensino Fundamental e Médio (FENDRICH, 2020). Partindo, portanto, do princípio de que a antologia seria destinada ao ambiente escolar, o que já seria previsto pelo organizador devido ao teor da coleção à qual a obra pertence, torna-se possível investigar quais as estratégias de que o autor se valeu para trazer os poemas escolhidos para a sala de aula. Isso porque o fato de a antologia compor uma coleção historicamente voltada para as escolas permite, de antemão, investigar a sua adequação para o trabalho em sala de aula, tendo em vista, principalmente, as visões de poesia divulgadas na seleção.

Isso posto, cabe ressaltar que a obra traz uma reunião de poemas de autores brasileiros e portugueses publicados entre os anos de 1500 a 1985. Compõem a antologia os autores: Álvares de Azevedo, Antero de Quental, Augusto dos Anjos, Bocage, Carlos Drummond de Andrade, Castro Alves, Cesário Verde, Cruz e Sousa, Fagundes Varela, Fernando Pessoa, Gonçalves Dias, João Cabral de Melo Neto, Luís de Camões, Mário de Andrade, Olavo Bilac, Renata Pallottini, Sá de Miranda, Tomás Antônio Gonzaga e Vinícius de Moraes.

Uma observação detalhada dos nomes reunidos na antologia torna possível destacar alguns pontos: o primeiro deles é a presença de grandes nomes da literatura brasileira e portuguesa, formando uma reunião de poetas canônicos na antologia. Sem dúvida, uma lista fundamental para compor o acervo de milhares de alunos da Educação Básica brasileira. Ítalo Calvino (1993), em seu texto “Por que ler os clássicos?”, aponta como uma das razões para a leitura de textos considerados clássicos o fato de que “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. (CALVINO, 1993, p.11). A presença de obras tão ricas no ambiente escolar, proporcionando diversas leituras e com uma amplitude de questões a serem tratadas, é fundamental para que se possa enriquecer o trabalho de leitura realizado em sala de aula. Calvino (1993), em seu texto, falava

certamente de grandes literaturas mundiais, como *Odisseia*, de Homero, e *Orlando*, de Virginia Wolf. Entretanto, parece possível expandir essa ideia para os textos reunidos na antologia organizada por Carlos Felipe Moisés, que conta com grandes nomes, como Carlos Drummond de Andrade e Luís de Camões, por exemplo. Nesse sentido, a antologia *Poesia faz pensar* (MOISÉS, 2011), com a seleção de autores canônicos que reúne, torna-se um importante componente do acervo das bibliotecas escolares, ao proporcionar o contato dos alunos-leitores com poemas clássicos que permitem ricas e intermináveis leituras de si e do mundo.

Posta a importância da presença do cânone na antologia em análise, cabe agora ressaltar a falta que se deixa perceber na reunião elaborada no livro. Nota-se, de modo evidente, que autores historicamente postos em lugares periféricos ocupam também um espaço diminuto na obra organizada por Carlos Felipe Moisés. As autoras, por exemplo, estão representadas por apenas uma poeta, a brasileira Renata Pallottini. É bastante improvável que, dentre os anos de 1500 e 1985, apenas tal autora tenha poemas que fazem pensar, como tanto preza Carlos Felipe Moisés em sua antologia. Retomando a discussão elaborada por Ivete Walty (2008) apresentada anteriormente, pode-se dizer que, assim como as imagens de nação divulgadas na antologia analisada por Walty marcavam o coração dos estudantes com os valores preconizados à época, de modo semelhante a escolha canônica dos poetas também pode marcar os leitores da antologia *Poesia faz pensar* (MOISÉS, 2011) em relação à noção de poetas e poesias a serem valorizados. É discutível, portanto, não a apresentação dos autores canônicos, mas sim a não expansão do espaço da antologia para outras figuras também importantes para as literaturas portuguesa e brasileira. Desse modo, no trabalho em sala de aula realizado com a antologia em análise neste artigo, considera-se interessante que se façam alguns adendos e se fomentem discussões com os alunos a respeito das presenças e ausências na obra em questão.

Ainda em relação ao modo como a antologia foi organizada, um ponto a ser ressaltado é a distribuição dos poemas em cinco seções, sendo elas: “É tudo quanto sinto um desconcerto”, “Um contentamento descontente”, “Errei todo o discurso de meus anos”, “Continuamente vemos novidades” e, por fim, “Se lá no assento etéreo, onde subiste”. Os nomes de cada uma das seções são retirados de versos de um dos poemas

que compõem a seleção escolhida. Além disso, ao início de cada seção, o organizador da antologia faz algumas ponderações em que discute as temáticas selecionadas para fundamentar a escolha dos poemas, trazendo sua noção de poesia e relacionando-a com as literaturas escolhidas. Depois da reunião dos poemas, tem-se uma parte de comentários, na qual Carlos Felipe Moisés faz breves análises sobre os poemas apresentados na seção em questão.

Pensando na organização da antologia do ponto de vista didático, considera-se interessante a decisão do organizador de fazer comentários introdutórios e posteriores à leitura dos poemas, já que é uma maneira de atuar como intermediário entre a leitura da produção literária e o leitor. Alguns dos pontos apresentados por Carlos Felipe Moisés, nesses textos introdutórios à leitura, podem até mesmo servir de algum alento para leitores de primeira viagem. Ao início da seção “É tudo quanto sinto um desconcerto”, por exemplo, o organizador da antologia previne o leitor da possibilidade de não se compreender tudo em uma primeira leitura, como se vê no trecho a seguir: “Uma das condições básicas para se usufruir poesia é não fazer questão de compreender tudo, palavra por palavra, já na primeira leitura. É preciso aceitar que, no primeiro momento, alguma coisa escape, algumas passagens fiquem um pouco obscuras”. (MOISÉS, 2011, p. 14). Infere-se, portanto, em tal comentário de Carlos Felipe Moisés, que a poesia não é (ou não deve ser) uma produção de leitura fácil, em que tudo está entregue ao leitor já no primeiro contato estabelecido com o texto. Trazer tal concepção para figurar em uma antologia, dizendo ao leitor que é natural que um ou outro sentido “escape” à primeira leitura, pode ser um importante aliado quando se trata de fomentar a leitura literária e indicar que ler poesia é um exercício que deve ser repetido várias e várias vezes. Nada está dado à primeira vista, não sendo, portanto, incompetente o leitor que não atinge a compreensão total do poema.

Buscando expandir um pouco mais as percepções acerca das noções de poesia que são defendidas na antologia escolhida, é interessante voltar ao início da obra para destacar a apresentação do livro, intitulada “Poesia: sentir e pensar”. Pelo título, é visível o ponto de vista do autor: a poesia faz, ao mesmo tempo, sentir e pensar. Em tal apresentação, o organizador da obra procura demonstrar que mais do que apenas fomentar sentimentos (o que, de modo geral, é o que se pensa logo quando se fala em poesia), esse

gênero literário é responsável também pela construção de conhecimentos do leitor sobre o mundo, fazendo, portanto, pensar (MOISÉS, 2011). Essa interpretação pode ser corroborada pela fala de Carlos Felipe Moisés em tal apresentação, na qual o organizador explica, por exemplo, o propósito de sua antologia:

A presente antologia foi concebida com o propósito de valorizar a poesia que, além de levar a sentir, também faz pensar, ou seja, a poesia encarada como forma de conhecimento, como uma das mais poderosas ferramentas de indagação oferecidas ao ser humano, no encaixo de compreender o mundo, mesmo sabendo das limitações da tarefa. (MOISÉS, 2011, p. 11).

Nas palavras de Carlos Felipe Moisés, é possível depreender uma visão de poesia como uma produção literária que, para além de evocar sentimentos, é também responsável pela elaboração de conhecimentos sobre o mundo. Essa visão de poesia apresentada na antologia colabora positivamente para a leitura dos textos reunidos na medida em que encara tal produção literária como uma forma de ensinar os leitores a pensar, a questionar, o que é fundamental para a formação do pensamento crítico. Pode-se dizer que a noção defendida pelo organizador da antologia, nesse trecho, vai ao encontro do pensamento de Antonio Candido (2011), no texto “O direito à literatura”, que aponta, entre as faces da literatura, a de que ela é: “[...] uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos” e também “[...] uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente”. (CANDIDO, 2011, p. 176). A partir das noções defendidas por Candido, pode-se perceber que a visão de poesia veiculada por Carlos Felipe Moisés no trecho apresentado é também guiada pelos mesmos princípios, já que o organizador da antologia aponta que os poemas são objetos de expressão de sentimentos, pois levam o leitor a sentir; e são, também, uma forma de conhecimento, pois levam o leitor a pensar. Isso se torna importante para que o leitor compreenda que ler literatura — aqui, mais especificamente, poesia — é entrar em contato com uma forma de construção estética de texto que manifesta emoções e também faz com que aquele que está lendo construa conhecimentos e pensamentos a partir daquela leitura.

Um ponto a ser ressaltado, entretanto, é que a dicotomia entre “pensar” e “sentir” presente em tal parte da antologia pode causar um falso entendimento de que o organizador defende que não é possível adquirir conhecimento a partir dos sentimentos; ou, ainda, de que há um grande afastamento entre “pensar” e “sentir”. T. S. Eliot (1991), ao falar do aspecto social do texto poético em seu ensaio “A função social da poesia”, tratando da dificuldade de se traduzir uma poesia para uma língua estrangeira, afirma que “[...] a poesia tem a ver fundamentalmente com a expressão do sentimento e da emoção: e esse sentimento e emoção são particulares, ao passo que o pensamento é geral. É mais fácil pensar do que sentir em uma língua estrangeira”. (ELIOT, 1991, p. 30). Desse modo, tendo em vista a dificuldade de se expressar o sentimento e a emoção em um poema, considerar que “sentir” e “pensar” são pontos distantes pode, na verdade, não corresponder ao que realmente se percebe no trabalho de criação poética. Isso porque, como aponta Eliot, a grande dificuldade da poesia é a expressão dos sentimentos, que deve estar ligada, fundamentalmente, graças à sua dificuldade, ao árduo trabalho de reflexão sobre os melhores modos de se comunicar o que se sente. De fato, Carlos Felipe Moisés, ainda em sua apresentação, indica que o “pensar” seria uma tarefa primordial do poeta para, por exemplo, encontrar modos de se dizer, de maneira inovadora, fora dos lugares-comuns, o sentimento que se deseja expressar na elaboração de uma poesia:

Começemos pelo princípio: ao passar seus sentimentos para o papel, o poeta não tem como deixar de pensar, refletir, analisar. Por quê? Simples: ele precisa encontrar as palavras adequadas à expressão do que sente, caso contrário ninguém o compreenderá. Na verdade, quando depara com o papel em branco, disposto a escrever, o poeta já não está sentindo mas revivendo um sentimento, ou seja, tentando registrar uma experiência vivida em outra parte, em outra situação. Do sentimento ao papel, arma-se uma espécie de fluxo, que nos habituamos a chamar de “inspiração”, a ser filtrado pelas palavras, cada qual com seu sentido próprio, sua sonoridade, suas formas, seus ritmos. Se o poeta não prestar atenção a isso (e “prestar atenção” quer dizer ponderar, avaliar, raciocinar), correrá o risco de expressar não o que de fato sentiu, mas outra coisa, no geral, quase nada, só aquilo que ele e o leitor acham que se deve sentir, naquelas circunstâncias: um punhado de frases feitas, lugares-comuns. (MOISÉS, 2011, p. 8).

No trecho acima, marca-se claramente a visão do organizador da antologia de que há uma necessidade de que a poesia tenha origem na reflexão, na análise, no trabalho árduo do poeta com o papel na tentativa de se expressar os sentimentos no poema da melhor maneira. Assim, reflexão e sentimentos estariam unidos na medida em que um é extremamente necessário para a expressão da complexidade do outro. Pensando na possível utilização dessa antologia em sala de aula, tal pontuação do autor é importante na medida em que colabora para a desconstrução da imagem de que a elaboração de um poema é fruto apenas de um “estalo” que se apresenta para alguns poucos escritores “iluminados”. Carlos Felipe Moisés pontua que, caso o poeta não preste atenção à necessidade de se avaliar as melhores palavras e armações sintáticas a serem utilizadas, “[...] correrá o risco de expressar não o que de fato sentiu, mas outra coisa, no geral, quase nada, só aquilo que ele e o leitor acham que se deve sentir, naquelas circunstâncias: um punhado de frases feitas, lugares-comuns”. (MOISÉS, 2011, p. 8). Nesse trecho, evidencia-se a visão do organizador de que há poemas marcados por lugares-comuns (frutos da falta de observação da elaboração estética), e os que, partindo da reflexão e da escolha das palavras, são realmente capazes de expressar aquilo que se sentiu. A escrita de poemas não se dá num passe de mágica. É preciso se atentar à escrita para não se restringir ao que diz e ao como diz o senso comum sobre os sentimentos.

Tal divisão entre os dois “tipos” de poema, deixando bem evidente a preferência do organizador — como se vê na caracterização depreciativa dos poemas “sem reflexão” como “frases feitas” e “lugares-comuns” (MOISÉS, 2011, p. 8) —, é importante na medida em que permite ao leitor compreender que os poemas devem ser feitos a partir de um movimento de observação da escrita. Na produção de um texto poético, o poeta deve se valer de estratégias de construção textual que lhe permitam expressar os sentimentos a partir de versos, rimas, ritmos, compassos, entre outras possibilidades criativas que, certamente, não são facilmente atingidas. Trazer, portanto, a ideia de que não se trata de um processo simples pode ajudar a aproximar o leitor do poema ao desmistificar a imagem do autor como um ser iluminado, colocando-o num espaço mais próximo de quem o lê.

Em relação ao processo de leitura, outro ponto da antologia organizada por Carlos Felipe Moisés que deve ser considerado importante

são as breves análises tecidas pelo organizador ao final de cada seção. Nelas, há uma passagem rápida por cada poema, em um texto organizado de modo que a temática que fundamenta a seção é delineada e discutida nas análises tecidas. Na seção “Continuamente vemos novidades”, por exemplo, a renovação e a mutabilidade das coisas é a temática que fundamenta a escolha dos poemas ali reunidos. Assim, após a apresentação dos poemas de tal seção, há a parte de comentários, em que se vê a realização de análises que ligam os textos poéticos ao tema da mutabilidade. Em um dos pontos, por exemplo, o autor comenta um trecho do poema “No ermo”, de Fagundes Varela, transcrito abaixo:

No ermo*

Fagundes Varela

Eu não detesto nem maldigo a vida;
Nem do despeito me remorde a chaga,
Mas ai! Sou pobre, pequenino e débil,
E sobre a estrada o viajor me esmaga!

Fere-me os olhos o clarão do mundo,
Rasgam-me o seio prematuras dores,
E a mágoa insana que me enluta as noites
Declino à campa na estação das flores!

E há tanto encanto nos desertos vastos,
Tanta beleza do sertão na sombra,
Tanta harmonia no correr do rio,
Tanta doçura na campestre alfombra,

Que inda pudera se alentar de novo,
E entre delícias flutuar minh'alma,
Fanada plantai que mendiga apenas
O orvalho, a noite, a viração e a calma!

*Trecho.

campa: sepultura, túmulo.

alfombra: tapete espesso; em sentido figurado, relva macia.

fanada: murcha, sem viço.

viração: aragem, vento fresco.

(FAGUNDES VARELA *apud* MOISÉS, 2011, p. 72).

Na leitura do trecho do poema posto acima, pode-se perceber que a natureza é extremamente importante para a construção do texto poético. São várias as imagens de natureza de que se utiliza o eu lírico para expressar seus sentimentos. E é justamente esse o ponto a que Carlos Felipe Moisés recorre para fazer a ligação entre a ideia da mutabilidade que entrecruza a seção “Continuamente vemos novidades” e o poema de Fagundes Varela disposto acima. Isso pode ser verificado, por exemplo, no excerto a seguir, em que o organizador da antologia diz:

A Natureza não é só a representação simbólica da renovação constante, mas também o inesgotável manancial de comparações a que o poeta recorre, no intuito de expressar sentimentos muitas vezes vagos ou demasiado complexos. Um deles, partilhado por grande número de poetas de todos os tempos, é o que se refere à fragilidade do ser humano, “bicho da terra, tão vil e pequeno”, como uma vez o definiu Camões.

Fagundes Varela, por exemplo, depois de afirmar que é “pobre, pequeno e débil”, compara: “minh’alma,/[é como uma] fanada planta” — planta murcha, apagada, quase sem vida. E esclarece: tal planta anseia pelo “orvalho, a noite, a viração, a calma”. Que anseio será esse, descrito pela sucessão de quatro substantivos? Os três primeiros falam da fresca aragem noturna e remetem à planta, não à alma; já o derradeiro, “calma”, este sim parece sintetizar o anseio do poeta: paz, serenidade, o fim das inquietações e atribulações. O orvalho da noite e a aragem compõem o cenário propiciador da “calma”, e este é o sentido básico do poema. (MOISÉS, 2011, p. 82).

Em um primeiro momento, Carlos Felipe Moisés elabora uma breve explicação sobre o porquê de a natureza ser muitas vezes evocada pelos autores para a construção dos textos poéticos. Além de ser um símbolo de “renovação constante” (MOISÉS, 2011, p. 82), a natureza é também um “manancial de comparações” (MOISÉS, 2011, p. 82) de que o poeta pode se valer para expressar sentimentos complexos, como afirma o organizador.

Trazer na antologia alguns pontos dos bastidores da produção poética, como o organizador o faz ao dizer da prática de o poeta se valer das comparações para a enunciação de sentimentos complexos, reforça a visão de que a poesia é fruto do pensar, do trabalho de elaboração. Essa observação da maneira de escrita do poema é importante, pois, como afirma Helder Pinheiro, é “[...] o modo como o poeta diz — e o que diz ou comunica — sua experiência [...]” o que possibilita “[...] um encontro íntimo entre leitor-obra que aguçarás as emoções e a sensibilidade do leitor”. (PINHEIRO, 2007, p. 22-23). O uso dessas imagens, portanto, é uma das estratégias de que pode se valer o poeta para possibilitar esse encontro leitor-obra.

Feitas as pontuações sobre a utilização da natureza para a elaboração de textos poéticos, Carlos Felipe Moisés passa a discorrer sobre o modo como Fagundes Varela se vale dessa estratégia para a composição de seu poema. De modo bastante didático, o organizador marca claramente onde, no texto, pode-se observar a comparação, como se vê em: “Fagundes Varela, por exemplo, depois de afirmar que é ‘pobre, pequeno e débil’, compara: ‘minh’alma,/[é como uma] fanada planta’ — planta murcha, apagada, quase sem vida. E esclarece: tal planta anseia pelo ‘orvalho, a noite, a viração, a calma’”. (MOISÉS, 2011, p. 82). Esse modo de trabalho com o texto literário, ainda que feito de maneira breve, parece ser adequado à utilização escolar ao mostrar (ou pelo menos buscar indicar) as estratégias utilizadas pelo autor para expressar o que sente. Em uma antologia que compõe o acervo do Programa Nacional Biblioteca na Escola (BRASIL, 2023), levar o leitor a pensar nas maneiras pelas quais o autor constrói o texto é um aspecto fundamental do trabalho com a leitura em sala de aula, como aponta Marisa Lajolo, em texto no qual discute a leitura de poesia na escola:

[...] as atividades de leitura propostas ao aluno, quando este se debruça sobre um texto literário, têm sempre de ser centradas no significado mais amplo do texto, significado que não se confunde com o que o texto diz, mas reside no modo como o texto diz o que diz. Nesse sentido, é necessário que os elementos do texto selecionado como gerador de atividades levem o aluno a observar mais de perto procedimentos realmente relevantes para o significado geral do texto. (LAJOLO, 2001, p. 50).

Como se depreende da discussão elaborada por Marisa Lajolo, é imprescindível, em sala de aula, que o professor, ao trabalhar com a leitura literária, busque expandir o trabalho para abordar os procedimentos adotados pelos autores ao tramar os sentidos dos textos. Nos comentários de Carlos Felipe Moisés, como visto na análise do poema de Fagundes Varela, essa noção do texto literário como mais do que propriamente seus significados, mas também seus procedimentos, parece estar presente. Isso faz com que a antologia *Poesia faz pensar* (MOISÉS, 2011) constitua um bom ponto de partida para o trabalho em sala de aula, desde que, obviamente, esse trabalho se expanda e vá para além dos comentários elaborados por Carlos Felipe Moisés. Ainda que alguns acréscimos sejam necessários ao trabalho (como a indicação já feita a respeito da escolha de autores, em sua maioria, canônicos), há questões muito pertinentes e tratadas de maneira bastante didáticas, como se vê, por exemplo, no trecho a seguir, em que o organizador da antologia traz a noção de ritmo de modo mais próximo do leitor, chamando-o a tomar parte na análise:

Escolha um verso qualquer e releia-o algumas vezes, sempre em voz alta, separando bem as sílabas. Comece baixinho e aumente o volume na quarta sílaba; torne a baixar e só aumente mais uma vez na última, assim: “E há/ tan/ to em/ CAN/ to/ nos/ de/ ser/ tos/ VAS/ tos”. (Se preferir, substitua as palavras por lá-lá-lá ou tã-tã-tã, um “lá” ou um “tã” para cada sílaba.) E aí está: seu ouvido já não hesita em identificar a cadência ou a “música” do verso. Agora releia de novo o poema todo, sem forçar a separação das sílabas ou o aumento do volume, e veja como a repetição da mesma cadência se transforma em ritmo, um envolvente ritmo de vaivém, o compassado embalo da balança, ou do berço. (MOISÉS, 2011, p. 83).

Evidencia-se, nesse trecho, que Carlos Felipe Moisés coloca o leitor como interlocutor direto na cena enunciativa que constrói em sua escrita. Isso pode ser verificado pela utilização de verbos no modo imperativo, como “escolha”, “releia” e “comece”, em que o organizador dá instruções para o leitor de como fazer a leitura do texto poético. A escolha pela construção textual dessa maneira é relevante para que se possa pensar a adequação da antologia *Poesia faz pensar* (MOISÉS, 2011) para o uso em sala de aula. Émile Benveniste, no texto “O aparelho formal da enunciação”, aponta

que aquele que toma a palavra, ou seja, o locutor, apropria-se da língua para enunciar e, nesse processo, postula sempre um interlocutor, “[...] um *outro* diante de si” (BENVENISTE, 1989, p. 84, itálico do autor) com quem estabelece a sua comunicação. Essa enunciação é instaurada sempre para falar sobre algo no mundo que será referenciado na enunciação feita pelo locutor. (BENVENISTE, 1989).

Considerando a cena da enunciação proposta por Benveniste, torna-se possível retornar ao comentário elaborado por Carlos Felipe Moisés e investigar qual o interlocutor postulado na construção do trecho ressaltado acima. Partindo da escolha de expressões como “Comece baixinho”, “[...] torne a baixar e só aumente mais uma vez na última, assim [...]” e “E aí está: seu ouvido já não hesita em identificar a cadência ou a ‘música’ do verso” (MOISÉS, 2011, p. 84), pode-se pressupor que o leitor imaginado por Carlos Felipe Moisés é alguém que possui pouco ou nenhum conhecimento acerca da leitura de poesia. Isso porque o que o organizador oferece são instruções básicas do modo como o texto poético pode ser lido por alguém. Há uma convocação para que o leitor preste atenção ao ritmo do verso sem que isso seja feito de maneira formal ou técnica. Além disso, as instruções são dadas de forma amena, como se percebe, por exemplo, com o uso de “baixinho”, “assim” e “E aí está”, expressões comuns em momentos em que se estabelece um diálogo com pessoas mais jovens. Essa armação da cena enunciativa pressupõe que os interlocutores imaginados para esse trecho — e, expandindo-se essa conclusão, para toda a antologia — são realmente interlocutores jovens e que possuem pouco contato com a leitura de poesia. Isso seria mais um ponto para defender, portanto, que a utilização de tal produção nas escolas e salas de aulas parece ser adequada e produtiva.

A leitura do trecho acima permite, também, inferir a visão de poesia aventada por Carlos Felipe Moisés ao organizar e comentar a obra *Poesia faz pensar* (MOISÉS, 2011). Indicar que o leitor deve se atentar ao ritmo da construção poética, além de reforçar que ela é fruto de um processo de elaboração e observação das formas de escrita, aponta também para a necessidade de que a leitura não se atenha apenas ao conteúdo do poema. É preciso observar, também, o que o organizador chama de “[...] cadência ou ‘música do verso’”. (MOISÉS, 2011, p. 83). O poema, dessa forma, não é só o que ele diz, mas também o seu ritmo, sua cadência. Trazer essa visão para a antologia parece bastante acertada na medida em que o que se observa,

muitas vezes, no ambiente escolar, é uma preocupação voltada, em grande parte, para o que o poema diz, dando um lugar muito pequeno — ou inexistente — ao modo como se diz.

Considerações finais

Após a breve análise da antologia *Poesia faz pensar* (MOISÉS, 2011) empreendida neste artigo, compreende-se que há uma visão de poesia defendida na obra que se evidencia a partir de noções e ideias que podem ser apreendidas na organização e nos comentários da seleção literária em questão. Observa-se, por exemplo, que a visão de poesia como um texto oriundo de um processo de maturação reflexiva e de escrita é bastante presente nas pontuações feitas por Carlos Felipe Moisés a respeito dos poemas selecionados. Pensamentos e sentimentos devem se alinhar nas criações poéticas para que o poeta seja capaz de expressar seus sentimentos de mundo. Isso pode ser visto, por exemplo, no trecho a seguir, que faz parte dos comentários da seção “É tudo quanto sinto um desconcerto”:

Poesia, a espécie de poesia que nos ocupa, é acima de tudo meditação: o olhar, os sentidos, a intuição, a imaginação e o pensamento concentrados no propósito maior de compreender o que se passa, ou de encontrar para as coisas algum sentido, que ora parece escapar, ora simplesmente é como se nem existisse. (MOISÉS, 2011, p. 24).

No trecho acima, há uma concepção de poesia como uma junção de sentidos e pensamentos reunidos com o propósito de se alcançar a melhor forma de se expressar e compreender o mundo. Na obra, a visão é a de que a poesia é fruto da reflexão, da meditação e do sentir com o corpo os problemas do mundo e buscar formas de expressá-los a partir da escrita poética. (MOISÉS, 2011). Essa escrita da poesia faz com que o poeta precise “[...] pensar, refletir, analisar [...]” (MOISÉS, 2011, p. 8), por exemplo, sobre quais as melhores palavras para se dizer aquilo que se deseja expressar, visão presente na obra *Poesia faz pensar* (MOISÉS, 2011), que já foi discutida neste artigo. Tal noção apresentada na antologia está alinhada às proposições de

Antonio Candido a respeito da necessidade de organização e elaboração da escrita na produção literária, como se vê no trecho a seguir: “A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. [...] A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo”. (CANDIDO, 2011, p. 179). Evidencia-se, portanto, que é a estruturação do texto literário o que faz com que os leitores também se organizem, partindo, posteriormente, para a ordenação do mundo. Uma visão de literatura que parece também permear a elaboração da obra *Poesia faz pensar* (MOISÉS, 2011), já que várias são as vezes em que há a defesa da noção de que o poema é fruto da reflexão do poeta sobre a sua forma de escrita e sobre a forma de organização do poema, como se verificou nas análises tecidas anteriormente.

Tendo em vista, dessa forma, que Carlos Felipe Moisés, em seus comentários e introduções presentes na antologia, apresenta essa importante visão de poesia, acredita-se que a obra em questão compõe uma boa ferramenta para o trabalho com leitura de poemas em sala de aula, já que propõe ao aluno não apenas a leitura do conteúdo dos poemas, mas também a leitura das maneiras pelas quais se dá a expressão desse conteúdo. É evidente, entretanto, que apenas a antologia em si não é suficiente para uma leitura significativa de poesia em sala de aula. Como aponta Hélder Pinheiro, “a antologia é uma porta de entrada para o estudante. O professor não deverá ficar apenas na leitura de antologias. Há que ir além, mergulhar fundo na obra de seus poetas preferidos, conhecer seu estilo, seus temas, seu modo particular de assimilação lírica do real”. (PINHEIRO, 2007, p. 41). A antologia *Poesia faz pensar* (MOISÉS, 2011), nesse sentido, funciona como uma boa porta de entrada para os estudantes na medida em que toca em questões importantes, como a necessidade de se atentar ao trabalho de construção estética do texto; e ao permitir o encontro dos leitores com grandes escritores brasileiros e portugueses, como João Cabral de Melo Neto, Fernando Pessoa e Mário de Andrade. Entretanto, há ainda questões a serem revistas e acrescidas à obra, como a já aludida falta de autores bastante significativos que foram deixados à margem. É fundamental, dessa maneira, que os professores, ao trabalharem com a antologia aqui analisada, procurem expandir a lista de poesias que fazem pensar, mostrando aos alunos a grande diversidade de produções poéticas que podem favorecer a organização de si e do mundo em que se vive.

Referências

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. *In*: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Traduzido por Eduardo Guimarães *et al.* Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. 2. ed. Campinas, S.P.: Pontes, 1989. v. II, p. 81-90.

BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE - Acervo 2013*. 2023. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13992-pnbe-2013-seb-pdf&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 19 jan. 2023.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. *In*: CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Traduzido por Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 9-16.

ELIOT, T. S. A função social da poesia. *In*: ELIOT, T. S. *De poesia e poetas*. Traduzido e prólogo por Ivan Junqueira. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 25-37.

FENDRICH, Henrique. *A história da Coleção Para Gostar de Ler*. 2020. Disponível em: <https://www.portalentretextos.com.br/post/a-historia-da-colecao-para-gostar-de-ler>. Acesso em: 14 jan. 2023.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da Leitura para a leitura do Mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MOISÉS, Carlos Felipe (org.). *Poesia faz pensar*. São Paulo: Ática, 2011. (Col. Para Gostar de Ler).

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2007.

WALTY, Ivete Lara Camargos. “É de menino que se torce o pepino”: antologia e formação do leitor. *In*: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy;

PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (org.). *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. p. 185-199. (Col. Literatura e Educação).